

2016



BOLETIM DE PETRÓLEO

Gerencia de Operações e Planejamento

Outubro - 16



I – Cenário Internacional

Na Europa, a primeira ministra do Reino Unido, Theresa May, afirmou que o processo de saída do Reino Unido será realizado até março do próximo ano. Segundo a autoridade, a votação do referendo a favor da saída da União Europeia é mensagem clara que os britânicos desejam um controle do movimento migratório. Por sua vez, em relação ao cenário econômico, indicadores demonstram que a produção industrial da zona do euro teve alta de 1,6% em agosto, após uma queda de 1,1% no mês anterior. A taxa de desemprego ficou em 10,1% em agosto, estável em comparação com o mês anterior e abaixo dos 10,7% de agosto de 2015, mantendo a taxa mais baixa na região desde julho de 2011. Já a inflação ficou em 0,4% no mês de setembro, aparentemente deixando para trás a eminência do processo deflacionário.

Nos EUA, a campanha eleitoral segue indefinida, porém alguns números já apontam alguma vantagem para a candidata Hillary Clinton. Pelo lado da economia, indicadores demonstram que o país deve confirmar um aperto monetário no final do ano, elevando a taxa de juros através do FED (Federal Reserve). Os novos pedidos de auxílio-desemprego caíram cinco mil no início de outubro, ao nível sazonalmente ajustado de 249 mil, e mantiveram-se em níveis baixos e consistentes com um mercado de trabalho saudável.

Na China, a economia continuou a crescer em setembro, mas a taxa de expansão caiu por dois meses seguidos. Além disso, as reservas cambiais do país têm encolhido ainda mais rápido. No mês de setembro, as reservas caíram em US\$ 18,79 bilhões na comparação com o mês anterior, para US\$ 31,16 trilhões. A queda nas reservas sugere que a pressão da fuga de capitais pode ter aumentado em setembro, apesar dos esforços do governo para aumentar o controle sobre os fluxos de dinheiro e estabilizar a taxa cambial.

No Brasil, o foco passa a ser o ajuste fiscal através da PEC 241. O projeto de emenda constitucional fixa para os três poderes, além do Ministério Público e da Defensoria Pública da União, um limite anual de despesas. Segundo o texto, o texto será válido por vinte anos a partir de 2017 e consiste no valor gasto no ano anterior corrigido pela inflação acumulada nesses doze meses. De acordo com o boletim Focus, o mercado ajustou para baixo as projeções de inflação para este ano, de 7,34%, na projeção de quatro semanas atrás, para 7,01%. No caso da taxa de juros a expectativa é que encerre 13,5% em 2016 e 2017 em 11%. Olhando para a atividade econômica, a expectativa é de que o Produto Interno Bruto (PIB) tenha contração de 3,19% neste ano, e registre crescimento de 1,3% em 2017.

II - Preços

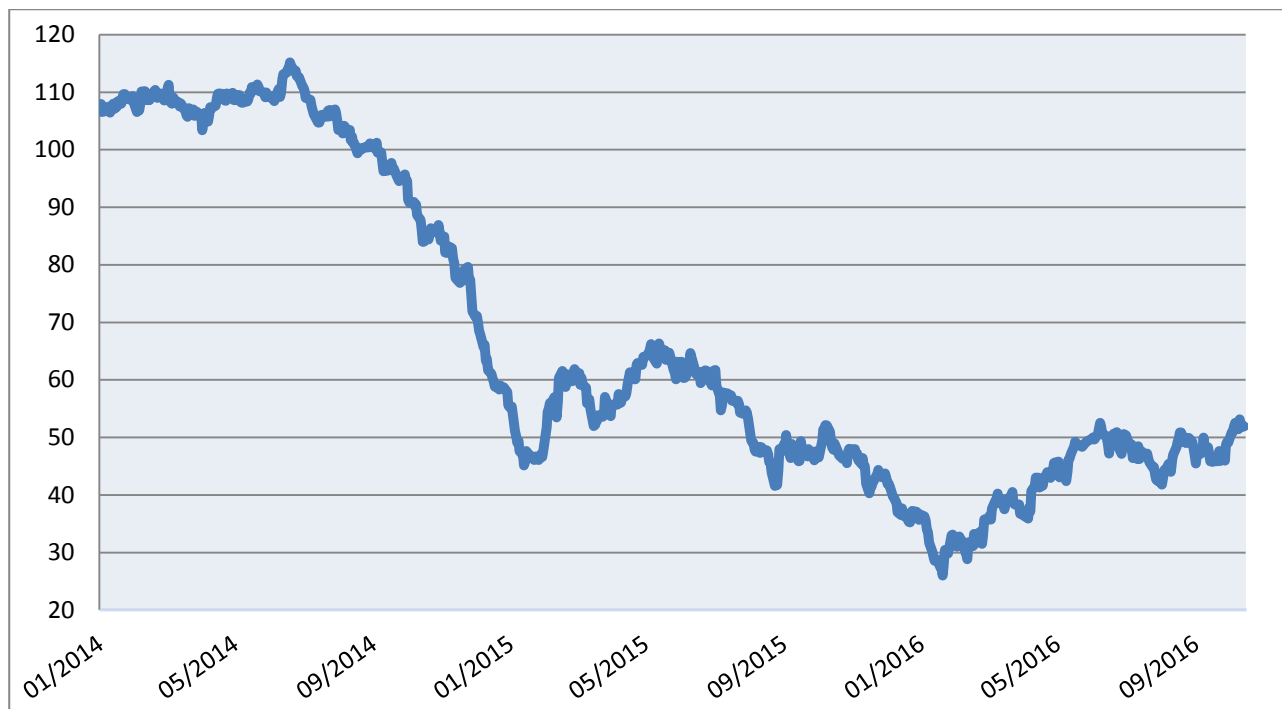
Os preços do petróleo registraram no mês de Setembro um valor mínimo de US\$ 45,45, máximo de US\$ 49,99 e média de US\$ 47,22, mantendo certa estabilidade em relação ao mês de agosto.

O Departamento de Energia dos EUA (DoE) informou que os estoques norte-americanos de petróleo bruto tiveram alta de 4,9 milhões de barris na semana encerrada em 14 de outubro, para 474 milhões de barris. A alta surpreendeu a expectativa de analistas, que esperavam um aumento de apenas 900 mil barris; contudo houve redução de 36 milhões de barris em comparação ao mês passado.

Apesar da oferta da *commodity* se manter alta, mas com expectativa de desaceleração devido à promessa de corte de produção da OPEP, a melhoria do cenário econômico mundial indica que a demanda deve voltar a crescer, levando as variáveis macroeconômicas a um ponto de equilíbrio. Esta perspectiva tem ajudado a recuperar os preços do barril de petróleo nos últimos meses.

O gráfico 1, mostra a queda acentuada no preço do barril de petróleo, a partir do segundo semestre de 2014. No mês de fevereiro, atingiu a média mínima mensal de US\$ 31,93, com uma tendência de melhora a partir deste momento.

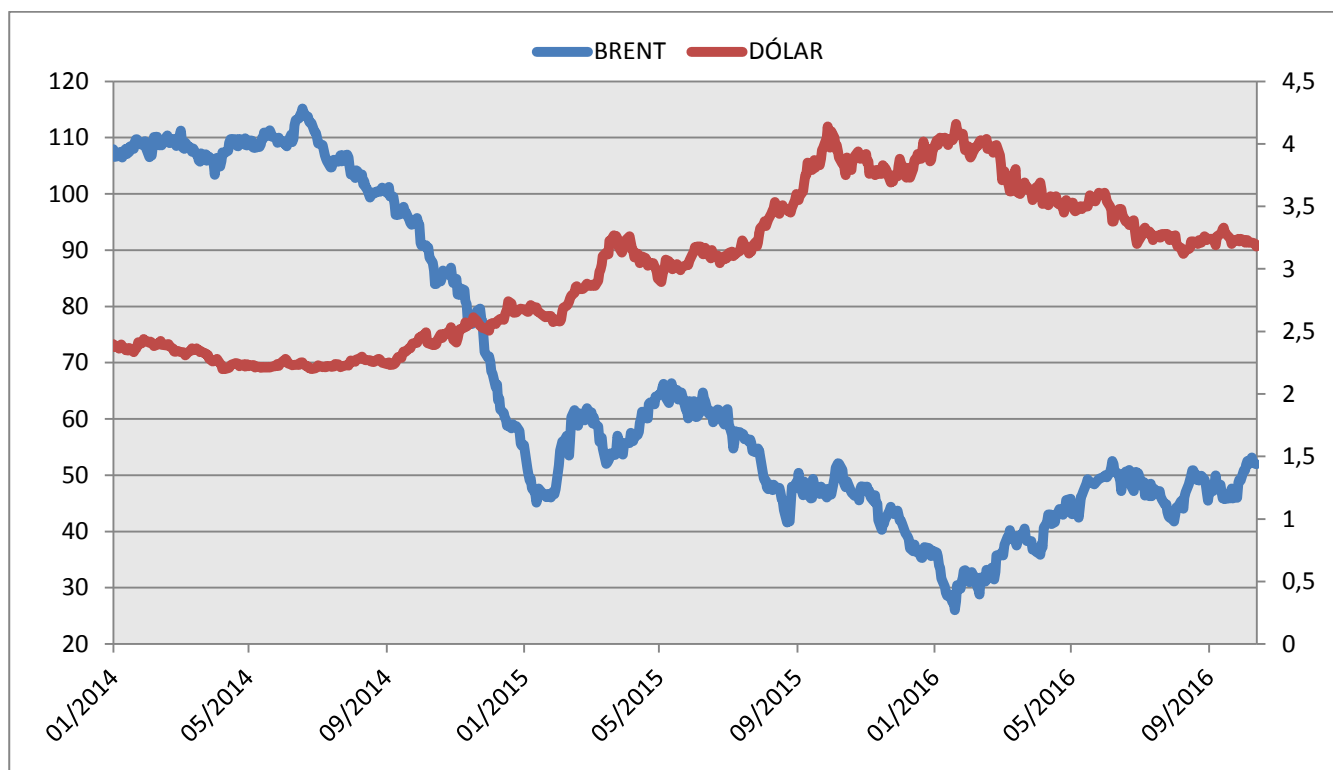
Gráfico 1: Preço do Brent



Fonte: ICE/ GOP

O gráfico 2, mostra o cálculo da correlação entre as variáveis, preço do petróleo e taxa do câmbio, mostrando uma negatividade de 0,90 entre janeiro de 2014 e setembro de 2016, podendo ser considerada uma correlação muito forte. A desvalorização da moeda norte-americana nos últimos meses é outro fator que tem corroborado para a recuperação dos preços do petróleo. Segundo o Boletim Focus, de 14 de outubro de 2016, a expectativa para 2016 é que o câmbio encerre cotado em R\$ 3,20. Há 4 semanas a expectativa era de R\$ 3,26.

Gráfico 2: Brent X Dólar



Fonte: GOP/ICE/Bacen

III - Demanda

Segundo dados da OPEP, a demanda global para 2016 deve crescer 1,24 milhão de barris por dia (mb/d) em relação a 2015, resultado este 0,01 mb/d superior ao resultado anterior, com consumo total de 94,4 mb/d.

Ao contrário da OPEP, para a EIA, a expectativa de demanda por petróleo em 2016 foi reduzida em relação à previsão do relatório anterior. Para 2016 espera-se crescimento de 1,3 mb/d em relação a 2015. Para 2017, o crescimento da demanda se mantém estável: 1,3 milhão de barris em relação a 2016. A revisão da agência para baixo deve-se às incertezas das economias de Brasil, Rússia e Turquia.

Ambas as agências esperam aumento de demanda, ainda que gradativa, nos anos de 2016 e 2017, o que pode dar mais equilíbrio ao mercado, reduzindo o excesso de oferta global e recuperando assim seu preço.

IV – Oferta

A AIE espera queda da produção de petróleo em 2016, consequência de redução de produção na OPEP e na China, com redução de 0,1 milhão de barris por dia em 2016. Em contrapartida, em 2017, segundo a agência, a oferta deve crescer 0,3 mb/d, consequência de uma produção maior nos EUA e Rússia.

Para a OPEP, os países não integrantes de seu bloco terão um declínio de produção de 0,68 milhão em 2016, demonstrando uma maior contração na produção em relação ao último relatório, em que era prevista a queda de 0,61 milhões de barris. Apesar das incertezas da previsão, esta revisão para baixo deve-se a uma produção menor que a esperada nos EUA, Canadá e Rússia. Para 2017, espera-se crescimento 0,24 mb/d na produção de petróleo no bloco.

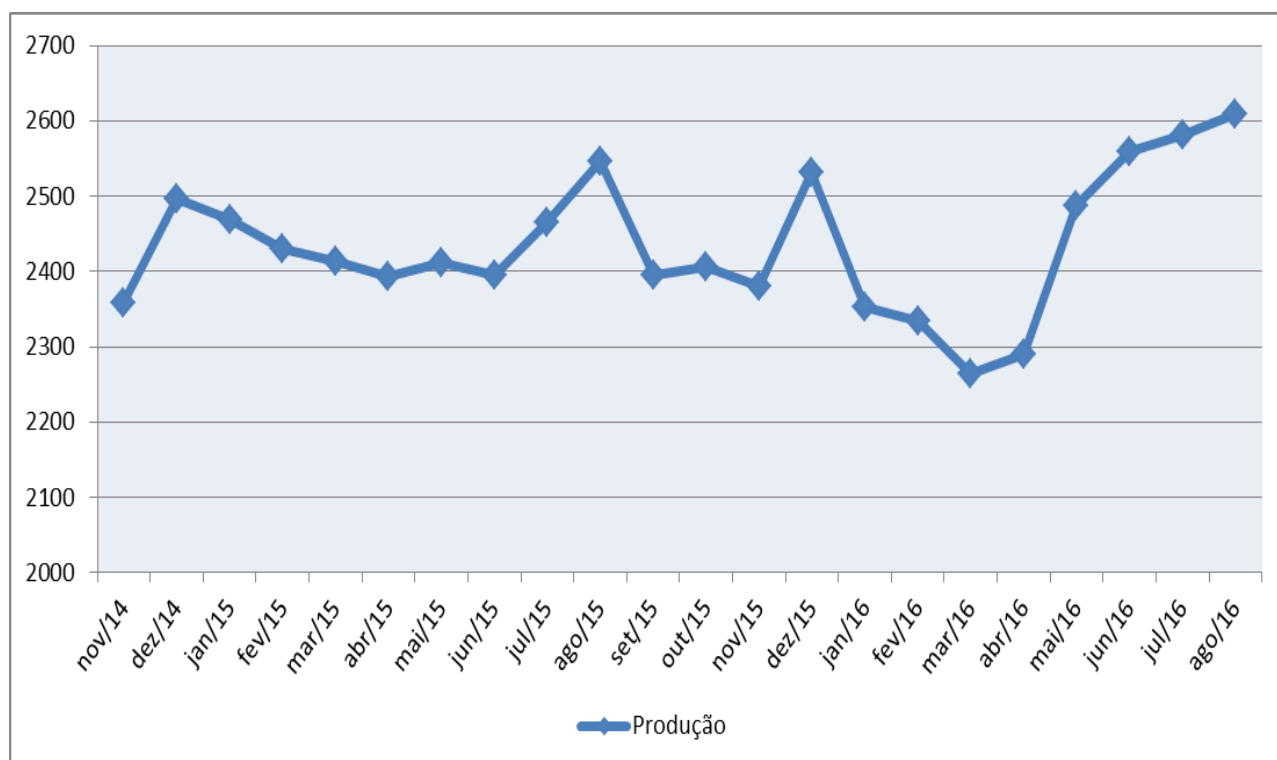
Já nos países integrantes do bloco, estima-se uma produção média de 32,82 mb/d em 2016, 0,72 mb/d maior do que em 2015.

Apesar da manutenção da expectativa de redução da produção para 2016, ambas as agências pressupõem crescimento de oferta da *commodity* para 2017. Sendo assim, o equilíbrio entre as variáveis econômicas, e consequentemente a recuperação do preço, será alcançado com a retomada do crescimento econômico global, que elevará a demanda e compensará o aumento da oferta.

V – Brasil

Segundo a Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a produção de petróleo no mês de agosto foi de 2.609 mil barris por dia, configurando elevação de 1,08% em relação ao mês de julho, superando o recorde do mês anterior (produção de 2.581 Mbbl/dia) e mantendo a tendência de elevação, conforme demonstrado no gráfico 3.

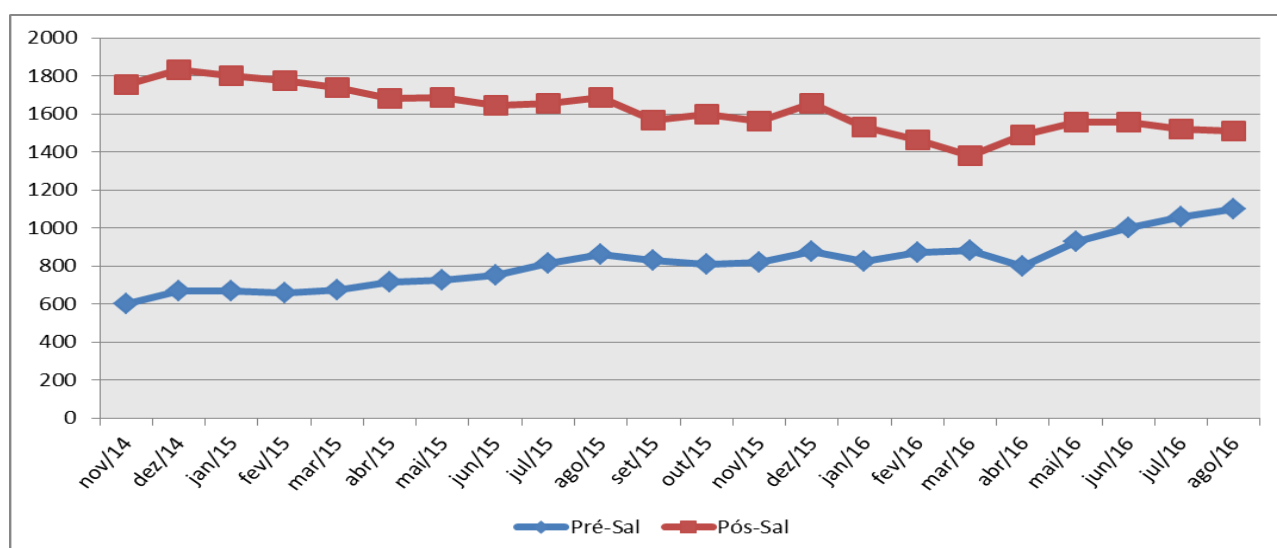
Gráfico 3: Histórico de produção de petróleo



Fonte: ANP/GOP

O campo de Lula, na Bacia de Santos, foi o que mais produziu petróleo no mês em análise: média de 581,9 mil barris por dia, representando 22,3% da produção nacional. No pré-sal foi registrado uma produção de petróleo de 1.099,3 mil barris, de um total de 65 poços, representando 3,6% de aumento produtivo em relação ao mês anterior e novo recorde de produção, conforme pode ser verificado no gráfico 4.

Gráfico 4: Evolução da produção do Pré-Sal e Pós-Sal



Fonte: GOP

No mês em análise, observa-se que a produção pré-sal, que atingiu novamente níveis recordes, foi a principal responsável pelo aumento da produção nacional. Por outro lado, a produção do pós-sal apresenta certa estabilidade.

Segundo a ANP, a produção do Rio de Janeiro, responsável por 68% da produção nacional, aumentou 1,12% em relação ao mês anterior. O aumento de 4,24% na produção do campo de Lula compensou a queda no campo de Roncador, que teve queda de 2,6% em sua produção.

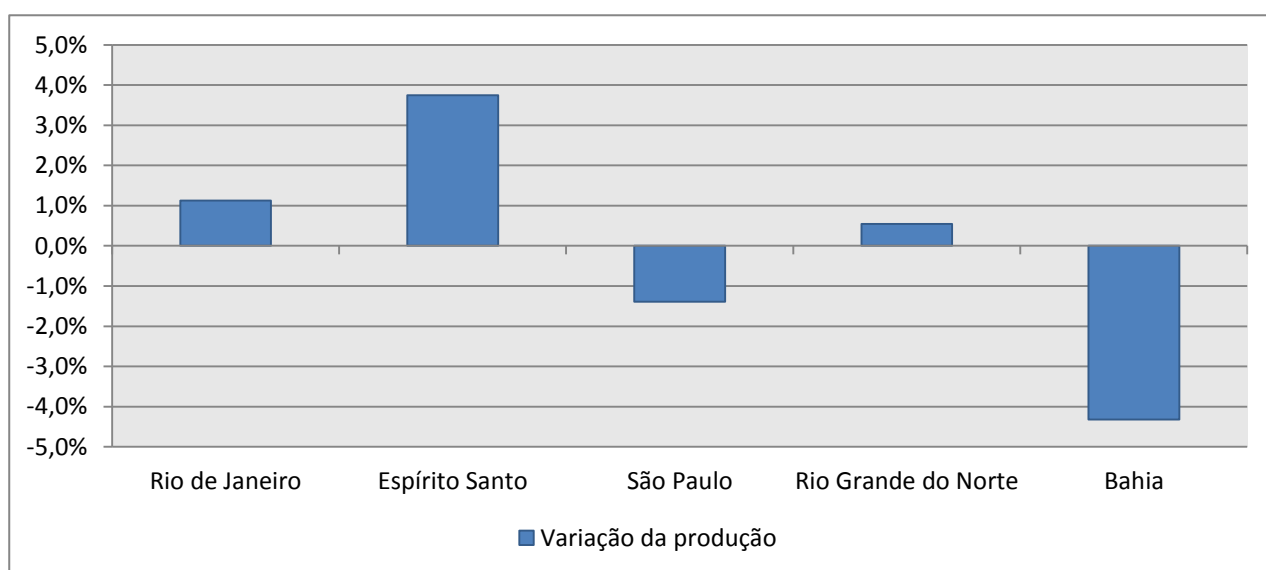
Além do Rio de Janeiro, o único estado a apresentar um aumento de produção relevante foi o Espírito Santo, apresentando um acréscimo em sua produção de 3,74%. Bahia, por sua vez, já demonstra decréscimo acentuado em sua produção, consequência da maturidade de seus campos. Na tabela 1 é facilmente perceptível a importância do petróleo para o Estado do Rio de Janeiro, já que a produção dos outros quatro maiores produtores (Espírito Santo, São Paulo, Rio Grande do Norte e Bahia) representam juntos 45% da produção fluminense.

Tabela 1: Distribuição da Produção por Estado

ESTADO	PETRÓLEO (bbl/d)	CAMPOS PRODUTORES
Rio de Janeiro	1.758.588	45
Espírito Santo	419.200	44
São Paulo	276.941	6
Rio Grande do Norte	56.268	75
Bahia	35.148	82

Fonte: ANP

Gráfico 5: Variação da produção – Principais produtores estaduais



Fonte: GOP

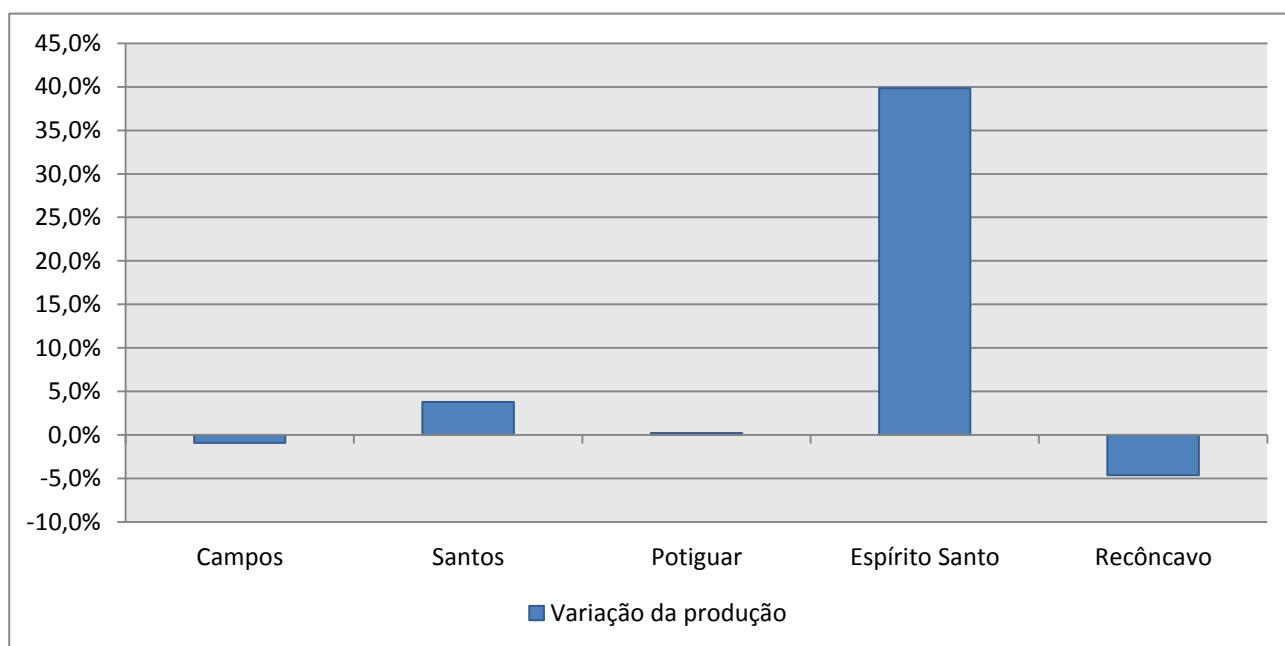
A bacia de Campos, localizada na costa do Rio de Janeiro e Espírito Santo, e a bacia de Santos, no Rio de Janeiro e São Paulo, representam a fonte de 92,5% da produção nacional, o que comprova uma extrema concentração da capacidade produtiva nestes três estados, com destaque para o Rio de Janeiro. Tal afirmação pode ser observada na tabela 2. O grande destaque é a bacia do Espírito Santo, que aumentou sua produção em quase 40%, conforme gráfico 6.

Tabela 2: Distribuição da Produção por Bacia

BACIA	Nº CAMPOS PRODUTORES	PRODUÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Campos	46	1.507.684	Rio de Janeiro/Espírito Santo
Santos	12	906.726	Rio de Janeiro/São Paulo
Potiguar	77	57.684	Rio Grande do Norte
Espírito Santo	37	40.319	Espírito Santo/Bahia
Recôncavo	76	34.728	Bahia

Fonte: GOP

Gráfico 6: Variação de produção das principais bacias



Fonte: GOP